



A construção da argumentação no ensino médio: um trabalho técnico e retórico

Helia Coelho Mello Cunha

Mestre em Cognição e Linguagem, professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense
heliacmc@globocom.com

Resumo

No Ensino Médio, o ensino da elaboração de textos dissertativos continua sendo uma preocupação para os professores de Língua Portuguesa e muitos recorrem a técnicas artificiais de organização de texto, que não levam o aluno a refletir e desenvolver um posicionamento crítico sobre temas atuais. O objetivo deste minicurso é propor sugestões de abordagem deste tipo textual em sala de aula. O estudo da Retórica mostra-se eficiente neste processo, proporcionando ao professor condições de ensinar o seu aluno a ler textos desta natureza e, conseqüentemente, realizar, com mais eficiência, a persuasão pela palavra escrita através do planejamento de texto (delimitação de tema, problema, hipóteses, tese) e escolha de argumentos e recursos retóricos dirigidos a determinados auditórios.

Muitos professores dizem aos seus alunos que dissertação é uma exposição, discussão ou interpretação de uma determinada ideia e exigem que os mesmos defendam essa ideia em seus textos. Por outro lado, quando são lidos textos argumentativos em sala de aula, poucos levantam os questionamentos básicos que deveriam ser feitos: Que tese é defendida pelo autor? Que auditório pretende persuadir? Que recursos foram utilizados para persuadi-lo?

Aos alunos também é ensinado que a dissertação pressupõe um exame crítico do assunto e habilidade de argumentação. No entanto, raramente esses assuntos são tratados nas salas de aulas. Reclama-se muito atualmente que os alunos não sabem escrever, não defendem bem suas ideias. Mas como poderiam, se a eles não é oferecida a oportunidade de desenvolver as suas habilidades argumentativas na escola? Poucos educadores abordam em suas aulas conceitos como hipótese, argumento, auditório e persuasão. Além disso, poucos levam seus alunos a refletir sobre as inúmeras estratégias de persuasão, sobre as marcas linguísticas que garantem a sua adequação às diversas situações comunicativas.

O objetivo deste minicurso é propor sugestões de leitura e produção de textos dissertativos argumentativos em sala de aula.

Por isso, nosso trabalho se propõe a destacar a importância, para a leitura e produção de textos argumentativos escritos, do conhecimento da Retórica e de outras teorias do

discurso, consideradas por nós como “filhas” ou “netas” da velha Retórica, tais como Análise do Discurso, Linguística Textual, Análise da Conversação, Semântica Argumentativa e Estilística.

Com o estudo da Retórica, aprende-se a reconhecer e utilizar técnicas de persuasão e convencimento. A Estilística proporciona estudo da expressão linguística, considerando-lhe a capacidade de emocionar e suggestionar o leitor ou ouvinte. A Semântica Argumentativa, a análise de categorias que dizem respeito ao uso da linguagem na interação dos locutores-estudo do sentido de construções gramaticais, implícitos, pressupostos e uso de operadores argumentativos. A Análise da Conversação, estudo de conhecimentos linguísticos, paralinguísticos e socioculturais que devem ser partilhados para que a interação seja bem sucedida- caráter pragmático da conversação. A Linguística Textual, descrição e explicação da (inter)ação humana por meio da linguagem - coesão, coerência, informatividade, situacionalidade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade . A Análise do Discurso, descrição, explicação e avaliação crítica de textos – como e por que o texto diz e mostra - análise dos modos de dizer, de interagir e de seduzir

Para que se construa um texto, deve-se antes saber *ler*. Segundo REBOUL* (1998, p.139) “a leitura retórica é um diálogo”. Diante de um texto, o leitor pergunta “quem fala?”, “quando?”, “por quê?” e, principalmente, “como?” e “a quem?”

Aqueles que souberem ler textos argumentativos, observando e entendendo o uso dos recursos retóricos utilizados, poderão ter mais facilidade na produção de seus próprios textos e estar mais aptos a persuadir os outros de suas idéias, sustentando a sua argumentação num texto escrito.

Muitas leituras realizadas nas salas de aula de nosso país são insuficientes para a compreensão dos textos. As questões de interpretação nos livros didáticos utilizados nas escolas brasileiras são, em sua grande maioria, atividades de decodificação de um texto e não levam o aluno a reflexões críticas sobre o seu sentido.

Segundo Marcuschi (2001)

Os exercícios de compreensão raramente levam a reflexões críticas sobre o texto e não permitem expansão ou construção de sentido, o que sugere a noção de que compreender é apenas identificar conteúdos. Esquece-se a ironia, a análise de intenções, a metáfora e outros aspectos relevantes nos processos de compreensão.

Se o leitor for competente, capaz de reconhecer a importância de técnicas argumentativas e recursos retóricos em textos dissertativos, entenderá melhor as técnicas de produção de textos desta natureza.

O primeiro passo no ensino da produção de textos dissertativos deveria ser a elaboração de um roteiro, de um planejamento de texto. O aluno deveria, antes de escrever o texto, pensar em delimitar o seu tema, levantar questionamentos, responder a estes questionamentos, escolher uma das hipóteses para ser a sua tese e escolher os argumentos que servirão para a justificativa da tese.

Para ilustrar a importância de um planejamento, apresentamos o seguinte exemplo:

TEMA: ensino de redação

DELIMITAÇÕES DO TEMA:

1-Ensino do texto narrativo nas séries iniciais do ensino fundamental das escolas brasileiras atualmente - o papel da leitura

2-Ensino do texto dissertativo no segundo segmento do ensino fundamental das escolas brasileiras atualmente - o papel da leitura

3-Ensino do texto dissertativo no Ensino Médio das escolas brasileiras atualmente - o papel da leitura

TEMA DELIMITADO:

Ensino do texto dissertativo no Ensino Médio das escolas brasileiras atualmente - o papel da leitura

PROBLEMA:

1-Qual é o papel da leitura para o ensino da produção do texto dissertativo no Ensino Médio das escolas brasileiras atualmente?

HIPÓTESES:

1-A leitura de textos informativos é essencial para a produção de um bom texto dissertativo.

2- A leitura de textos argumentativos é essencial para a produção de um bom texto dissertativo.

3- A leitura de textos informativos e argumentativos é essencial para a produção de um bom texto dissertativo.

TESE:

A leitura de textos informativos e argumentativos é essencial para a produção de um bom texto dissertativo.

ARGUMENTOS:

1- A leitura de textos informativos fornece ao estudante conhecimento dos fatos

2- Através leitura de textos argumentativos, o estudante observa como se defende um posicionamento.

3- Comparando informações e opiniões, o aluno forma a sua própria opinião.

Depois de feito o planejamento, a estrutura do texto deve ser apresentada ao aluno.

Segundo Aristóteles, um texto dissertativo deveria ter as seguintes partes:

❖ Exórdio - serve para tornar o auditório receptivo à atuação do orador e fornecer uma introdução geral ao discurso, tornando claro seu propósito. Os exórdios dão uma indicação do assunto.

❖ Enunciação da tese

❖ Prova - meios ou recursos persuasivos de que se vale o orador para convencer o auditório.

❖ Epílogo - tem por objetivo deixar no auditório uma boa impressão do orador e recapitular brevemente os pontos principais do discurso.

Em muitos livros didáticos, no entanto, a estrutura sugerida é:

❖ **INTRODUÇÃO:** é a apresentação do assunto a ser desenvolvido; É a tese, a ideia inicial, sem muitas explicações.

❖ **DESENVOLVIMENTO:** é a elaboração discursiva da introdução. É a justificativa da ideia inicial, com a apresentação de mais detalhes, exemplos, citações, etc.

❖ **CONCLUSÃO:** retomada da ideia inicial, com a apresentação de um resumo do que foi exposto ou argumentado no desenvolvimento.

Aos alunos, geralmente, é ensinada esta “receita” e há até quem determine quantidade de linhas e parágrafos para cada parte da estrutura, como se escrever fosse o mesmo que “fazer um bolo comum de padaria”...

Nossa proposta é que o aluno aprenda a escrever, lendo textos dissertativos e observando sua estrutura e os recursos persuasivos utilizados pelo autor para a defesa de sua tese. Seguir a estrutura é importante, mas ser criativo na introdução e na conclusão é fundamental para que os textos seduzam o leitor. Por isso, assim como COSTA, propomos a seguinte estrutura:

INTRODUÇÃO:

- “Começo do começo”- pretexto- situação inicial criativa
- “Fim do começo”- apresentação do tema e/ou tese

❖ **DESENVOLVIMENTO- ARGUMENTAÇÃO**

❖ **CONCLUSÃO:**

- “Começo do fim”- síntese da argumentação/ explicitação da tese
- “Fim do fim”- retomada do pretexto

A introdução da dissertação provoca no leitor o primeiro impacto, é ela a apresentação de seu texto e, portanto deve ser muito bem trabalhada, o que não é tão difícil, pois há várias boas maneiras de começar uma dissertação. Para se elaborar a introdução, deve-se ter preocupação fundamental com o tema oferecido, levando-se em conta que o parágrafo introdutório é o norteador de toda a estrutura dissertativa, aquele que carrega uma ideia nuclear a ser utilizada de maneira pertinente em todo o desenvolvimento do texto. O importante é que na introdução haja a apresentação da tese a ser defendida e que o autor do texto assegure a comunhão do auditório; apresentando, nas primeiras linhas, um recurso que sirva para atrair o leitor para a tese a ser apresentada e todo o texto.

Sugestões para elaboração do primeiro parágrafo de introdução:

- Apresentação de dados estatísticos.
- Narração de fato real ou ficcional.
- Uma interrogação ou uma sequência de interrogações a serem respondidas no desenvolvimento do texto.
- Contestação de definições, citações ou opiniões.
- Comparação social, histórica, geograficamente de fatos, ações humanas, ideologias.
- Comparação social, geográfica ou histórica de nações, ações, acontecimentos, circunstâncias.
- Descrição de cena cotidiana ou literária.
- Definição de palavra-chave do tema.
- Citação de declaração de autoridade no assunto.
- Alusão a filme, peça teatral, obra literária.
- Omissão de dados.

Os objetivos: do desenvolvimento são, segundo PERELMAN (1996): assegurar a adesão do auditório à tese através de argumentos, convencer - conduzir a certezas, persuadir- levar alguém a acreditar ou aceitar uma ideia, uma proposta, um parecer.

Segundo Aristóteles, os meios de prova artísticos a serem apresentados no desenvolvimento são os argumentos inventados pelo orador, e podem ser de três tipos:

- derivados do caráter do próprio orador, que empresta sua credibilidade à causa (ethos).
- que procuram lidar com as emoções do auditório e, por isso, o discurso causa paixão (pathos).
- derivados da razão do discurso, do que ele demonstra ou parece demonstrar (logos).

O professor deve esclarecer ao aluno que argumentar não é dar opiniões, não é explicar um fato; é defender uma alegação, uma tese.

Em argumentações, questionam-se os argumentos; nunca a tese. Por isso, os argumentos devem ter aceitabilidade, relevância e devem ser suficientes para a defesa da tese.

Há várias técnicas argumentativas e fazer uso variado delas é importante para que o desenvolvimento de um texto dissertativo seja aceito por quem pretendemos persuadir. Há argumentação por exemplos, por ilustrações, por modelo, por analogia, por comparação, por estatística, argumento de autoridade, argumento contra o homem, demonstração pelo absurdo, argumentação por causa e consequência, argumentação condicional e muitos outros.

REBOUL (1998, p.90) diz que “(...) é preciso negar-se à opção mortal entre retórica da argumentação e retórica do estilo. Uma não está sem a outra”.

Por isso, o uso de recursos retóricos também é eficiente em textos argumentativos. Enquanto os argumentos correspondem ao *logos* da argumentação, os recursos retóricos seduzem o leitor pelo prazer da leitura (*pathos*), além de também servirem para tornar o argumento aceito.

As figuras retóricas têm importante papel na argumentação. Segundo REBOUL (1998), “A figura só é de retórica quando desempenha papel persuasivo”, e, “se o argumento é o prego, a figura é o modo de pregá-lo”.

As figuras de palavras dizem respeito à matéria sonora do discurso e sua força persuasiva se dá devido ao fato de facilitarem a atenção e a lembrança. Ex: trocadilho, cláusula (sequência rítmica que termina um período) e derivação (associação de uma palavra à outra de igual radical).

As figuras de sentido (metonímia/metáfora/ hipérbole/ paradoxo), segundo Rebul (1998, p.120), desempenham “papel lexical; não que acrescente palavras ao léxico, mas enriquece o sentido das palavras”.

As figuras de construção dizem respeito à estrutura da frase, por vezes do discurso. Algumas procedem por subtração (elipse, reticência); outras por permutação (quiasmo -

oposição baseada na inversão) e por repetição (antítese, epanalepse - repetição da mesma palavra no meio de frases seguidas -, epanástrofe - repetição de palavras invertidas-, anáfora - repetição com o objetivo de enfatizar uma idéia -, pleonasma, gradação).

Há também as figuras do pensamento e de enunciação. As figuras de pensamento são, por exemplo, a alegoria, a ironia. As de enunciação são: personificação; apóstrofe- o orador dirige-se a algo ou alguém, diferente do auditório real, ao que é personificado, para persuadi-lo mais facilmente; contrafissão -sugestão do contrário do que diz; silepse- concordância ideológica.

As figuras de argumento também têm muita força persuasiva. São elas: prolepse - antecipação de uma possível refutação de seu argumento pelo adversário; pergunta retórica - apresentação do argumento em forma de interrogação; hipotipose - quadro - pintura verbal; amplificação - desenvolvimento pormenorizado de um assunto; expolição - ocorre quando há uma reexposição mais animada antes do fecho redacional para realçar a ideia central.

Outros recursos retóricos que devem ser apresentados aos alunos nas aulas de produção textual são: título (como recurso de atratividade ou acessibilidade), operadores argumentativos, tempos verbais, indicadores modais, implícitos, uso de pressupostos, segmentação, seleção lexical, ambiguidades, formação de palavras novas e sentidos novos na língua, polissemia e muitos outros que podemos encontrar nos textos que lemos com eles.

Nossos alunos precisam reconhecer os recursos que podem ser usados para persuadir em textos que lêem para que no futuro possam usar diversas estratégias nas batalhas verbais que terão que enfrentar no mundo atual.

Muitos dirão que esse não é trabalho só para o professor de Português. Sem dúvida, esse é um trabalho de todas as disciplinas; todos os professores trabalham com textos em suas aulas e poderiam colaborar nessa árdua tarefa de se ensinar a ler e escrever textos argumentativos na escola. Mas, cremos que pode ser a Língua Portuguesa o carro-chefe de tais discussões.

Referências

- ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Trad. Antonio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [19--?] .
- COSTA, Wellington Borges. Concluindo a introdução. *Revista Discutindo Língua Portuguesa*, v.1, n. 4, p.38-39.

CUNHA, HELIA Coelho Mello Cunha. A arte da persuasão. In: *Argumentação jurídica*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2004.

_____. *Não sei ler... mas tenho que escrever. Aprendendo a ler no ensino médio*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Norte Fluminense, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva & BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.) *O livro didático de português: múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001. Cap. 1, p.19-32

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.